

**BREVE  
MEMÓRIA  
DE SIMEÃO  
BOA MORTE**

**E OUTROS CONTOS POÉTICOS**

## Breve memória de Simeão Boa Morte

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Faria e Silva é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2025 Lourenço Cazarre

ISBN: 978.65602524-31

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo

Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

C389b

Cazarre, Lourenço

Breve memória de Simeão Boa Morte e outros contos poéticos /  
Lourenço Cazarre. – São Paulo: Faria e Silva Editora, 2025.

176 p.

1. Contos brasileiros. 2. Literatura brasileira – Ficção. 3. Poesia  
narrativa. 4. Memórias fictícias. I. Título.

CDD: 869,35

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor editorial:** Anderson Vieira

**Editor da obra:** Rodrigo de Faria e Silva

**Vendas governamentais:** Cristiane Mutus

**Produtor editorial e capa:** FS - Estúdio

**Ilustração da capa:** Simeão Boa Morte, de Fernando Duval



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)  
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

**Ouviodia:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

Editora afiliada à:



ASSOCIADO



LOURENÇO CAZARRÉ

**BREVE  
MEMÓRIA  
DE SIMEÃO  
BOA MORTE**

**E OUTROS CONTOS POÉTICOS**



Amostra

## SUMÁRIO

1. Um vate de incomensurável acuidade e furor	1
2. O último trem da infância	11
3. Um magnífico espetáculo de aviltante bajulação	46
4. A Cerimônia de Adeus do yokozuna Amoyama	53
5. Discurso da mãe do goleirinho	59
6. Breve memória de Simeão Boa Morte	86

Amostra

## UM VATE DE INCOMENSURÁVEL ACUIDADE E FUROR

Eram seis em volta da mesa. O romancista - seco de corpo, avaro de gestos e palavras - não sorria. Os demais, cordiais, deixavam luzir de quando em vez dentes e dentaduras.

Um sorrisinho ou dois não cairiam mal. Afinal, pensando bem, talvez ele devesse mostrar-se agradecido ao editor por tê-lo ajudado a trocar as brenhas escuras de um Estado periférico pelos letreiros luminosos da cidade das maravilhas. Mas o novelista casmurro não se arreganhava. Mostrava a inexpressiva e escaveirada máscara mortuária de sempre.

Estava, isso sim, terrivelmente aborrecido. Caceteado, como ele próprio diria se tivesse por perto gente que pudesse suportar sua áspera franqueza.

Publicara um primeiro livro quando ainda residia no fundo do mato. O segundo viera à luz quando ele, em meio aos quarenta anos, já se homiziava em uma pensão familiar na imensa cidade leviana.

Aperreado, e presentindo que a aporrinhação se estenderia, lançou um olhar arisco em volta.

Estava em uma sala ampla, escura, sufocada por móveis pesados e forte ranço de mofo. Para ali fora trazido pelo editor gordo, que ele preferia chamar gorduroso. Um homem untuoso. Rotunda cara branco-gelo nas bordas e vermelha no centro, cara que se derretia embaixo, atrás do queixo, e virava uma trêmula estalactite, escondendo uma horrível gravata borboleta.

O editor gorduroso, a pessoa mais gentil daquela cidade belicosa, estava sentado à esquerda do nosso ficcionista e sorria. Sorria verdadeiramente. Ele todo era um alargado sorriso. Sorria desde o nascimento. Gastava seu dia a sorrir.

Também sorrindo, porém de modo mais contido, à direita de Graciliano, se encontrava a jovem poetisa. Que preferia ser chamada de poeta, como ela própria anunciara com voz de passarinho molhado quando pisoteavam a areia granulada do pátio, depois de terem desembarcado do faustoso automóvel do editor. Que pipilou ainda que se considerava muito honrada de estar ali, naquele agradável tugúrio das musas, como única representante do belo sexo, não tão frágil quanto apregoavam os cavalheiros.

Do outro lado da mesa, ladeado por dois seres insípidos, incolores e inodoros, estava fundeado o dono daquela residência, o provector poeta renomado. Um tanto decadente, é verdade, mas ainda muito considerado em Academias de Letras de Estados irrelevantes. Ex-embaixador, ex-senador, ex-ministro interino, um homem impressionante. Nem alto

nem baixo, nem delgado nem fornido, mas proprietário de ombros poderosos, mãos imensas, uma senhora bocarra e uma albina cabeleira de parar o tráfego.

Exibindo um sorriso que ia do enfado ao gozo, e retornava, o bardo penteava com a mão aberta a melena artística, valorizada pela luz de um abajur de pé estrategicamente colocado ao lado de sua cadeira - a que possuía o mais alto espaldar.

Graciliano não conseguia tirar os olhos do velho vate. Acompanhou com interesse os silentes movimentos iniciais da bocarra gulosa, guarneçada por dentes cavaleares, que certamente se preparava para enunciar vocábulos poderosos.

Cada gesto deste homem é um verso perfeito, sobre solidão e loucura, pensou o romancista. Esta desgrehada cabeleira branca, sozinha, é uma ode anacreônica. Estas largas mãos de fortes dedos seguramente empolgaram o leme da nau de Ulisses.

Calma! Devo estar enlouquecendo.

Graciliano Ramos moveu-se inquieto e passou discretamente a mão pela testa em busca dos sinais de febre.

Já na chegada, em meio à apresentação gaguejada e risonha dos personagens que se encontram agora em volta da mesa, ele fora tocado pelo vozeirão poderoso e pelo olhar incandescente do octogenário rimador.

A maluquice da poesia deve ser contagiosa, pensou. E talvez me renda um continho.

Humorístico?

Quem vai narrar o que se passa aqui?

Um boneco de ventríloquo com pensamentos autônomos.

A loucura poética dá vertigem. Estou ficando mareado.

Para acalmar-se, o homem das Alagoas desviou o olhar para os que ladeavam o trovador. Não, não os colocaria no relato porque não tinham substância para personagens. Eram apenas áulicas assombrações.

Por que estamos aqui?

Nas cidades grandes as coisas nunca são claras. Tudo ocorre em meio a uma densa penumbra de enganação e mentiras.

Ao convidá-lo para um sarau na casa do poetaastro de nomeada, o editor falara em “produção miraculosa, vasta em volume e contundência”, “versos que chicoteiam a pasmaceira da lírica nacional”, “um taumaturgo que consegue reunir a humanidade em uma casca de noz”. E concluíra: “É um vate de incomensurável acuidade e furor”.

Sei, retrucou o romancista.

Desgostava do palavrório escorregadio do editor gorduroso.

Também não adorava a cidade fabulosa. O que havia nela, além de movimento constante e incessante ruído?

O melenudo poeta abre um grosso envelope e dele retira uma resma.

O romancista mira a pilha ameaçadora. Um original! Fareja maçada e aperreio.

Escrivães e rapsodos costumam arrastar pela vida baús repletos de originais.

Mas o que são exatamente esses originais?

Folhas de papel, datilografadas ou manuscritas, que contêm histórias nunca dantes narradas ou versos jamais declamados.

O ex-prefeito de Palmeira dos Índios demora a mão sobre a testa. Não, realmente não está febril, mas deveria.

Lança um demorado olhar à maçaroca. O assustador original reúne muitas dezenas de folhas indefesas que poderiam ter tido um final mais feliz...

Exemplo?

Poderiam ter sido entregues a crianças para que nelas desenhassem casinhas com chaminés esfumaçadas ou escrevessem composições sobre a primavera.

O vozeirão que, lento, lê o título do livro de poemas é rouco e fanhoso, catarrento e sibilante.

A imaginação do ficcionista dispara. O declamador tem no peito uma fornalha, uma bigorna e um fole. E ele próprio, com um grande martelo, cinzela na bigorna, em cobre incendiado, palavras extensas. O fole sopra depois essas palavras até a grande goela poética, que nada mais é que uma sombria e úmida gruta, na qual todos os sons se tornam guturais.

Terei entrado em surto psicótico, indaga-se o escrevedor.

Não, ainda não.

Um demorado prólogo descreve uma tormenta em pleno oceano. Estrugem ventos furiosos, raios e trovões. Dança, lúbrica e alucinada, a água de prata.

Graciliano está com uma vontade danada de fumar. Olha em volta. Nem sinal de cinzeiro.

Cruza os braços, enterra as mãos nos sovacos e sacode afirmativamente a cabeça.

Julga ter alcançado a verdade.

Ninguém ali - editor untuoso, jovem poetisa, romancista caceteado e bajuladores - é capaz de alcançar a grandeza do que está sendo dito ali por aquele homem excepcional.

Sucedem-se, heteróclitos, um mais impressionante que o outro, os poemas inaugurais.

Indiferente à óbvia incompreensão dos que a sitiam, a estrondosa dicção - harmoniosa sinfonia de ruídos dissonantes - prossegue na sua arremetida.

Começa a epopeia rimada. Vencido o oceano, o herói devassa selvas recônditas, levita sobre pântanos famintos e palmilha desertos de dunas vermelhas. Ergue-se depois ao cume da mais alta montanha e, de lá, entre exultante e taciturno, observa atentamente a desmedida terra devastada.

Seu Diabo, pensa Graciliano, o pior de tudo é a falta que me faz o pito.

Pouco antes Satã fora invocado pelo vate.

Como se referira o artesão das mais raras rimas ao Tinhoso?

Vale a reprodução:

*Aquele Sem Nome que na sua destra*

*Traz a Noite e que o Nada carrega na sinistra*

O editor untuoso derreteu. É agora apenas uma poça de banha sobre o assento da cadeira. Desmanchou-se, pobre homem, diante de versos tão belos. Versos que publicará, sem dúvida, desde que conte com o incentivo de um aporte, mesmo que modesto, de alguma entidade pública ou privada patrocinadora das Artes.

O romancista lança um longo olhar ao convidativo decote da jovem poetisa. Não fosse homem casado, já na segunda boda, gostaria de acomodar-se por ali. Mais exatamente: apreciaria muito colar suas beíçolas aos mamilos daquelas tenras tetas. Nunca fora, no entanto, um sujeito galante. Culpa do temperamento bilioso. Seus olhos sobem depois para o rosto da neta de Calíope. O sorriso ausentou-se dele. A bela face está levemente borrada. Na quentura da noite abafada a maquiagem se desfez. Riozinhos marrons escorrem pelas laterais do rosto da moça. Os lábios já não são tão rubros como os da chegada. Em que pensa a novel poetisa? Onde gostaria de estar agora? Certamente em um lugar mais divertido, onde pessoas empunhassem copos e falassem aos berros. Só ou acompanhada? Talvez ao lado de um jovem macho musculoso com melena besuntada de brilhantina. Fazendo o quê? Beijando. Beijos molhados são o prenúncio de um fim de noite com contorcionismo em cama rangente.

Graciliano leva a carteira de cigarros até perto do nariz. E puxa muito ar para dentro de si. Que coisa boa que é catinga de tabaco!

Incrível! Naquele momento, após tantas palavras e orações espantosas, a voz do poeta tornou-se mais acessível. Na verdade, o que aconteceu é que os ouvidos da plateia se acomodaram, por fim, às crepitações, chiados e sopros.

O casmurro autor consegue às vezes fisgar uma frase inteira, embora o sentido quase sempre lhe escape.

Somos gente de pouca letra, pensa ele. Somos pedra mole para cinzel tão traquejado.

O encanecido poeta continua garimpando no dicionário: cáustica, esplendoroso, fúlgida, nenúfares, tímida, abscôndito...

A jovem poetisa parece triste. O editor ressona de olhos entreabertos. Graciliano ainda procura com olhos sequiosos um cinzeiro. Os puxa-sacos permanecem na posição que adotaram desde o começo da leitura: corpos projetados para diante e mãos prontas para as palmas do desfecho.

O autor de *Vidas secas* abaixa o rosto e olha por cima da armação escura dos óculos.

A pilha minguanete.

Estamos próximos do fim, exulta.

Neste ponto, portanto, um bocejo já não cai mal.

Boceja.

Os dois cortesãos o fuzilam com um olhar raivoso. Que grossura!

Um galo apressado anuncia a manhã, ainda distante.

Naquele trecho, o mais movimentado do poema, o herói - ateniense ou espartano, isso não fica bem definido - represa uma enxurrada, estrangula um trovão, manipula um raio fulgurante e escala uma cordilheira nevada. Tudo muito rapidamente. Furibundo, adentra o Olimpo e, com um azorrague de serpentes trançadas, espanca e espanta semideuses libidinosos.

O final se aproxima desembestado.

O herói prepara-se para a batalha derradeira.

Vai enfrentar Zeus.

O fim, porém, chega num surpreendente pianíssimo.

O Deus dos deuses humildemente se declara vencido pelo mavioso somido da lira do poeta.

Admite estar enfarado com o mundo moderno: trens, aviões e carros velocíssimos, e muito lixo. E, merencório, acrescenta que não se interessa mais pelo ser humano.

O último verso:

*Eu, Zeus, teu Deus, sou apenas o supremo tédio!*

O bardo entrado em anos fecha a boca imensa e modestamente abaixa a face. A grenha lhe escorre pelos lados da fuça, como uma cortina que se fechasse num teatro. De olhos cerrados, com um gesto discreto de mão, ele tenta inutilmente encurtar os estrondosos aplausos, que se demoram.

Por fim, o editor se levanta, vai até o eleito das Musas e, genuflexo, beija-lhe a mão nodosa.

A poetisa apanha o batom na bolsa.

Graciliano Ramos toca lume na ponta do cigarro. Bafora e pensa em um copo de purinha. Cheio até a beirada. Cheinho.

Amostra

## O ÚLTIMO TREM DA INFÂNCIA

Na época eu não tinha sensibilidade ou inteligência para perceber a grandeza do homem com o qual convivia cinco horas por dia.

Eu era um rapazola vivaz. Talvez até se possa dizer que era bastante esperto. Mas ainda não tinha faro - terei tido depois? - para descobrir o que era de fato importante.

Isso posto, comecemos o caso.

Que é um conto e, também, um poema.

\*

Bem. Eu era o menos entusiasmado dos vinte estudantes de engenharia contratados para atuar como figurantes naquele trabalho gigantesco.

Uma missão ciclópica, como disse, entre baforadas, o grande arquiteto.

Para o tempo, o salário era excessivo. E havia um bônus: voaríamos uma ou outra vez até o maior canteiro de obras do